



Na imensidão das culturas,
Eu, o buraco negro,
absorvi todas as energias
que me formam e deformam.

Introdução

A partir da chegada de Peter Nash, em 1995, à América Latina, se produziu uma nova visão para a leitura da Bíblia. Ele propôs quatro chaves para encontrar os africanos em sua relação com Deus nas Escrituras, a saber, a leitura espacial-geográfica, teológica, mitológica e a revisão das genealogias. Isto trouxe como consequência a descoberta na Bíblia de vários personagens africanos e, inclusive, de tribos afrodescendentes, como é o caso das tribos de Efraim e Manassés. Ao amadurecer a pesquisa dentro do grupo *Identidade* (grupo negro fundado por Nash), a questão tomou um novo impulso. Nash perguntava sobre o negro ou africano na Bíblia; agora as perguntas são: quais são os brancos ou europeus na Bíblia? Será que os autores da Bíblia utilizaram um modelo afro/negro de fazer história? Será possível determinar

as diferentes tradições africanas na Bíblia? Nestes apontamentos, adiro à leitura inicial de Nash para perceber os africanos no Novo Testamento. Num segundo momento vou fazer algumas observações sobre os episódios e lideranças em terras africanas que tiveram grande repercussão para o desenvolvimento da Igreja cristã.

Antes de realizar os apontamentos histórico-bíblicos, acho que é importante fazer três esclarecimentos: primeiro, entendo que é muita ignorância pensar que entre a África e a Europa havia um grande abismo, pois pelo estreito de Gibraltar se pode praticamente passar de um continente a outro nadando; ademais já em tempos apostólicos os navios levaram 9 dias de Pozzuoli, na Itália, a Alexandria, na África, 6 dias da Sicília até Alexandria e 2 dias da África a Ôstia². Em segundo lugar, quando escrevemos sobre as

contribuições da igreja cristã na África e sobre os africanos, não o fazemos com chauvinismo, porque assim como na África podemos citar mulheres mártires da fé, tais como Perpétua e Felicidade, na cidade de Cartago por volta de 203, também na Europa e na Ásia existiram outras. Em terceiro lugar, faço este aporte sob a perspectiva da negritude. Entendendo negritude não só como experiência de vida, e sim em sua dimensão de aparato hermenêutico; isto é, em sua complexidade de análise de *classe, de luta contra o racismo e de identidade*, onde *identidade* se traduz em *história, cultura e religião*³. Também estou ciente de minha condição de pobre e de cristão, e ainda de estrangeiro no segundo país mais negro do mundo, o Brasil. Deste modo, o que escrevo, o faço sob o lema da *Carta a Diogneto*, escrita na Alexandria/África por volta do ano 200: “*toda terra estrangeira é minha pátria e toda pátria, uma terra estrangeira*”

1. África e africanos na igreja do Novo Testamento

Mais que tentar buscar o primeiro e o último africano no Novo Testamento, acho que é de maior importância examinar a participação dos africanos nos momentos cruciais e determinantes da vida de Jesus Cristo e da igreja Incipiente. No NT encontramos uma lista gigantesca de africanos e de cidades da África, especialmente nos livros de Lucas, tanto no Evangelho quanto nos Atos. Cito alguns textos: em At 6.9 aparecem duas cidades africanas: “Cirene e Alexandria”; em At 7, o Egito é mencionado 15 vezes; At 8 narra a história de um africano etíope; At 11.20

declara que os primeiros a pregar aos “gregos” foram os cristãos africanos da cidade de Cirene; At 13.1 afirma que entre os mestres e profetas da igreja de Antioquia estavam “Simeão chamado o negro, Lúcio [da cidade africana] de Cirene”; At 18. 24-25 fala de um judeu africano “eloqüente e versado nas Escrituras” da cidade de Alexandria; em At 21. 38, o tribuno (isto é, um militar europeu do exército romano) não enxergava diferenças entre o apóstolo Paulo e um egípcio. É extensa a lista de africanos, e a análise demanda muito espaço; portanto, vamos ficar com os três momentos mais importantes e combiná-los com o tempo litúrgico-celebrativo da igreja cristã atual.

A) Ao nascer Jesus Cristo, o evento que celebramos e denominamos *NATAL*, encontramos pelo menos dois aspectos africanos. Primeiro, os reis-sábios de que fala Mateus 2.1-12, dos quais a tradição sempre aceitou que um deles, Gaspar, era africano. Também os comentaristas bíblicos asseguram que os presentes oferecidos ao menino Jesus eram de origem afro-asiáticas. Muitos esquecem, mas deve-se considerar que a fuga do menino Jesus para o Egito, em Mateus 2. 13-15, é parte do relato de Natal.

B) A *Semana Santa*, segunda festa mais importante para o cristianismo, a qual relembra a paixão, morte e ressurreição do Senhor. Segundo Lucas 23.26, um africano chamado Simão de Cirene estava ajudando o Senhor a carregar a cruz. Por que será que nossos curas, padres e pastores olvidam este fato?

C) Outra festa de grande importância é a de *Pentecostes*, que está

descrita em Atos 2. Ali as protagonistas foram pessoas que falavam sobre as maravilhas de Deus em diferentes línguas. Segundo a maioria dos comentaristas bíblicos, os países e cidades mencionados (Atos 2.9) representam os lugares onde, já no tempo em que foram escritos os Atos, existiam comunidades cristãs. Observe que a maioria das cidades registradas são asiáticas, uma cidade européia (Roma) e duas cidades/países africanos: Egito e a região da Líbia vizinha de Cirene.

2. Os africanos impulsionam a igreja primitiva até o século IV

Como neste espaço é impossível fazer uma descrição abrangente do que aconteceu na igreja cristã na África em quatro séculos, tentaremos olhar numa perspectiva panorâmica os principais impulsos de algumas das lideranças e alguns fatos que entendemos de grande relevância. Vamos lembrar que é imenso o inventário de santos e fiéis homens e mulheres de Deus na África, tais como: Agripino de Cartago (150-220), Cipriano de Cartago (200-250), Clemente de Alexandria (+ 215), Cirilo de Alexandria (+ 444), Santa Mônica, outras e Santo Agostinho de Hipona (354-430) – o mais ilustre de todos os Pais de fala latina. Agostinho não só é brilhante como cristão, mas também como filósofo e educador. Escreveu 200 cartas, 500 sermões e 300 tratados. Talvez a próxima geração de educadores afrodescendentes tenha que apropriar-se das pistas metodológicas que ele apresenta no livro *A instrução dos catecúmenos*: teoria e prática da catequese. Então, já que é impossível uma história, por enquanto,

vamos fixar nossa atenção em três filhos cristãos da África e na origem do monaquismo cristão.

Tertuliano, africano da cidade de Cartago (160- 220), foi o primeiro teólogo cristão que fez teologia em língua latina. Tinha uma capacidade lúdica expressiva, ao ponto de iniciar seu tratado sobre a paciência dizendo: “Confesso-o diante do Senhor Deus: há de minha parte certa temeridade, se não for mesmo descaramento, em correr o risco de escrever sobre a paciência”⁴; e, em seu livro *Sobre a coroa*, tira sarro dos covardes dizendo: “Do Evangelho eles só guardam a frase: *fugi de cidade em cidade*”⁵. O jeito africano de fazer as coisas e produzir as idéias, por mais sérias que sejam, nunca esquece que a vida humana possui o elemento celebrativo. Ele defendeu a doutrina cristã contra a sabedoria agnóstica grega, em seu livro *Contra Marcião*, e enquanto outros pais da igreja se contentavam em suportar os golpes do Império Romano, ele passa firmemente, em seu livro *Apologeticum*, a exigir direitos – porque nossa cultura não é de obediência, mas de resistência digna.

Orígenes (africano alexandrino, 185-253) foi o primeiro de sete filhos de um casal cristão. Aos 17 anos de idade os verdugos do Império Romano mataram seu pai, Leônidas, e confiscaram seus bens. Ele passou sua juventude como os jovens afrodescendentes da atualidade, isto é: sem pai, sem bens! Mas as dificuldades não foram grande impedimento para dedicar-se fielmente aos serviços do Reino de Deus. Ainda na juventude conduziu a escola catequética e escreveu *Os primeiros princípios*, o

mais antigo manual cristão de teologia dogmática de que se tem notícia. Orígenes escreveu, aliás ditou, umas 2 mil obras, entre elas a *Hexapla* (ou Bíblia sêxtupla). *Hexapla* era uma Bíblia escrita em seis colunas, a saber, uma em hebraico e cinco versões gregas. Isto mostra sua seriedade perante a Bíblia como Palavra de Deus e sua capacidade científica e poliglota.

Atanásio de Alexandria (299-373) nasceu numa aldeia pobre do Egito, na margem do Nilo, falava o copta, e é reconhecido pelo grande historiador Justo L. González como “de pele escura como a dos coptas”⁶. Ao morrer, em 328, Alexander, o bispo de Alexandria, Atanásio foi eleito bispo. Num sínodo, em 335, na cidade de Jerusalém, onde o imperador estava presente, Atanásio e 50 bispos egípcios não foram escutados. Mais tarde o imperador exilou Atanásio, porque este havia detido as remessas de trigo que eram sugadas de Alexandria para Constantinopla. Que pena! Alguns de nós ainda não aprendemos a lição; acordemos! Os imperadores não têm interesse em nos escutar. Durante o ano 340, Atanásio esteve em Roma. O papa Júlio I, naquele período, aproveitou a permanência de Atanásio para ganhar o Ocidente para Credo Niceno. Devido a este fato, Atanásio, foi reconhecido como “pai da fé ortodoxa do Cristo”.

O *monaquismo* cristão nasceu e se fortaleceu no deserto do Egito com Antônio (250-356), Pacômio (286-?) e Maria, irmã de Pacômio. Antonio nasceu na margem do rio Nilo -como Moisés -era filho de agricultores medianamente abastados, mas ainda jovem ficou órfão.

Pouco tempo depois da morte dos pais, ao escutar o texto de Mateus 19.21: “Vende os teus bens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu”, converteu-se a Jesus Cristo, obedeceu a palavra do Evangelho de Mateus e dedicou-se, santa e piedosamente, à vida monástica. Ele só sabia falar a língua dos egípcios, o copta, a qual usou com grande eloquência para animar os cristãos de Alexandria a permanecerem na fé em meio à perseguição imperial e para proclamar a divindade de Jesus perante os arianos. Assim Antônio, aquele africano-egípcio do deserto, não era alguém fugindo da responsabilidade, e sim um homem de fé autêntica e de testemunho comprometido com o próximo e com Cristo. Por sua parte, Pacômio e Maria também eram africanos, exatamente do sul do Egito. Pacômio teve o infortúnio de ser obrigado a servir no exército. Em um dia de tristeza por estar fazendo algo de que não gostava, alguns cristãos que também haviam sido forçados à vida militar o consolaram, e ele prometeu que assim que conseguisse sair do exército serviria ao Senhor e ao próximo todos os dias de sua vida. Passado um tempo, de forma inesperada foi libertado do exército e, como havia prometido, cumpriu sua promessa. Pacômio e sua irmã Maria, segundo a maioria dos historiadores, são os fundadores da vida monástica em grupo, isto é “vida comum”. Antes deles os monges e monjas ficavam sozinhos. Diz-se que Pacômio fundou nove mosteiros, cada um deles com centenas de monges. Maria estabeleceu várias comunidades de monjas. Em épocas anteriores ao século

IV, no deserto do Egito o berço do monaquismo, estima-se que o número de monges foi de 10 mil e de monjas 20 mil⁷.

3. Por que a África não continuou sendo um dos grandes centros do cristianismo?

Para esta pergunta existem muitas repostas, mas vou mencionar as sucessivas invasões e dominações estrangeiras. O primeiro problema pelo qual África não é um grande centro histórico do cristianismo após o século IV, o encontramos em brigas sociopolíticas mascaradas com argumentos teológicos donatistas que se desenvolveram na África do norte entre a África Proconsular, que tinha por capital Cartago, e as regiões exploradas da Numídia e Mauritânia. As elites de Cartago, de fala latina, língua imperial, sugavam as riquezas produtivas da agricultura e da pecuária e ademais impunham grandes tributos e impostos aos numídios e mauritanos. As brigas foram aumentando e tomando várias formas, até que alguns núcleos donatistas, que ao que parece eram explorados, se organizaram sob o nome de *circunceliões*, da palavra latina *circumcellas*, que significa “ao redor das capelas ou dos armazéns”. Este núcleo de cristãos donatistas chegou às proximidades das cidades, fazendo o comércio debilitar-se, e o crédito sofreu muito. Alguns deles, em resposta política e religiosa, suicidaram-se em massa para se tornarem mártires. Ao debilitarem-se os aspectos econômicos e sociais, também diminuiu a capacidade da igreja⁸. Entre 477 e 480 os vândalos (grupo de tribos alemão-polonês), sob seu rei Hunerico,

invadiu e dominou o norte da África, devastando-a e confiscando os bens da igreja. Tanto o imperador romano quanto os reis vândalos apoiaram os cristãos arianos. Por último, em 666 os árabes, às ordens de Uqba bem Nafi, chegaram a Cartago e fundaram a primeira mesquita muçulmana do Ocidente. Em 698, Musa bem Nusayr conquistou a África do norte definitivamente, e a igreja cristã foi quase apagada da África. Insistimos em usar a expressão “quase apagada” porque as igrejas africanas anteriores à conquista árabe ainda existem. Na atualidade há 4.000.000 de fiéis na Igreja Copta Ortodoxa e 14.000.000 na Igreja Ortodoxa da Etiópia⁹.

4. Conclusão

Esta breve visão geral das contribuições da África no transcurso da história da Igreja cristã constitui uma caricatura da realidade. A Igreja não é somente Pacômio, Maria irmã de Pacômio e Antonio, que iniciaram o monaquismo cristão, ou um Tertuliano, que foi o primeiro a fazer teologia no latim, e ainda um Orígenes, que escreveu o mais antigo manual cristão de teologia dogmática de que se tem notícia. A Igreja na África é mais que essas pessoas proeminentes, porque falar dos aportes de uma forma exaustiva nos leva a uma análise inesgotável dos povos envolvidos. Imaginemos qual foi o alcance da igreja na África em vista do fato de que na “Conferência de Cartago”, no ano 411, participaram 565 bispos. Você faz idéia de quantos presbíteros e pastores locais haveria? Mas como quantidade não significa tudo, pensemos por alguns

instantes na força da igreja africana, que nos anos 419 e 422 enviou duas delegações para discutir com o imperador e exigir o fim do comércio de escravos e de crianças, que naqueles dias desatava-se. Assim, nossa proposta foi de ordem ilustrativa e um incentivo-convocação aos intelectuais afrodescendentes a pesquisarem as grandes riquezas ocultas na tradição cristã africana. Os irmãos e as irmãs leigos e leigas das comunidades, também os e as convocamos, por meio deste artigo ilustrativo, a perguntar aos obreiros em geral, pastoras e padres, onde ficou o Gaspar negro, cuja presença era costumeira no presépio do Natal. É direito das e dos cristãos cobrarem que as lideranças não falem somente da herança cristã europeia, mas também incluam os aportes das ricas tradições cristãs da África e da Ásia. Finalmente, quero terminar com uma oração: Deus da Vida, abre o coração de meus colegas pastores e pastoras, padres e freiras para que possam, perante teus filhos e tuas filhas de origem africana, refletir na oração de Jesus Cristo: ‘Para que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti’ (Jo. 17:21).

Referências Bibliográficas

ACOSTA LEYVA, Pedro. *Historiografía afro/negra: una aproximación a un concepto de historia a partir de las Consultas Internacionales de Teología Negra efectuadas 1985, 1994, 2003*. São Leopoldo: EST, Dissertação, 2005. [inérita].

COMBY, Jean. *Para ler a história da Igreja I: Das origens ao Século XV*. São Paulo: Loyola, 1993.

BOSCH NAVARRO, Juan . *Para compreender o Ecumenismo*. São Paulo: Loyola, 1995.

GONZÁLEZ, Justo L. *A era dos gigantes*. São Paulo: Vida Nova, 1980.

HAMMAN, A. *Os padres da Igreja*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1980.

Revista *Concilium*, n. 239, 1992/1: Número especial sobre o Sínodo Africano.

<http://es.wikipedia.org/wiki/v%C3%a1ndalo>. Consultado em 27-03-2005.

www.almdron.com/historia/invasi%C3%B3n-arabe_11.htm. Consultado em 28-03-2005.

Notas

- 1 Pedro Acosta Leyva, teólogo afrodescendente cubano. Formou-se no Seminário Evangélico de Teologia de Matanzas/Cuba, fez mestrado no IEPG em São Leopoldo/Brasil. É membro do grupo *Identidade* e realiza estudos de doutorado no IEPG. E-mail: leyvapal@yahoo.com.br
- 2 Jean COMBY, *Para ler a história da Igreja I*, p. 25.
- 3 Mais informações sobre o instrumental da hermenêutica negra, cf. Pedro ACOSTA LEYVA, *Historiografía afro/negra*.
- 4 Jacques LIÉBAERT, *Os padres da Igreja*, p. 75.
- 5 A. HAMMAN, *Os padres da Igreja*, p. 59.
- 6 Justo L. GONZÁLEZ, *A era dos gigantes*, p. 113.
- 7 Cf. *ibid*, p. 57-72.
- 8 Cf. *ibid*, p. 85.
- 9 Cf. Juan BOSCH NAVARRO, *Para compreender o Ecumenismo*, p. 64.